

JERÔNIMO COELHO NO DESTERRO EM 1831

Norberto Ungaretti
Desembargador e Professor

Ministro de Estado duas vezes, General do Exército, engenheiro militar, Deputado à assembléia Legislativa Provincial e à Assembléia Geral, este último mandato exercido em várias legislaturas, Diretor do Arsenal do Exército, Diretor da Fábrica de Pólvora de Estrela (Rio de Janeiro), Presidente da Província do Rio Grande do Sul e da Província do Pará, função que em ambas exerceu simultaneamente com as de Comandante das Armas (maior autoridade militar da área), fundador da imprensa catarinense e fundador também da Maçonaria em Santa Catarina, membro efetivo da mais importante instituição cultural do país no século passado, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Jerônimo Francisco Coelho possuía o mais opulento e variado currículo entre catarinenses do seu tempo.

Dos filhos de Santa Catarina foi o mais ilustre no Império, como o foram Lauro Muller na chamada República Velha e Nereu Ramos no período que vai da Revolução de 1930 aos nossos dias.

Nascido na Laguna, filho de pais também lagunenses, menino ainda deixou a terra natal, acompanhando o pai militar, transferido para o Ceará e depois para o Rio de Janeiro.

Em 1831, Capitão de Engenheiros, pediu passagem (transferência) para Santa Catarina, onde chegou em julho daquele ano.

Alguns historiadores tem atribuído a ele, equivocadamente, papel de influência nos acontecimentos que por aqui, em abril de 1831, resultaram na deposição do Presidente da Província Miguel de Souza Mello e Alvim, mas na verdade não chegaram ainda ao Desterro, o que sucedeu, como dito, três meses depois daquele episódio, ou seja, em julho do memorável ano de 1831.

Vinha cheio de idéias e propósitos, aos quais deu logo cuidadosa execução, propósitos que se resumiam em exercer aqui liderança política e que legitimamente ambicionava.

O plano que elaborou, inconfessadamente, mas que hoje parece absolutamente claro, consistia em criar e mobilizar alguns meios de ação que o levariam a projetar-se na comunidade catarinense, a cuja representação aspirava, em termos de mandatos eletivos.

Jovem de 25 anos, pois nascera a 30 de setembro de 1806, oficial do Exército, plenamente integrado ao movimento nativista que por aquele tempo empolgava a consciência nacional, não lhe teria sido difícil destacar-se no Rio de Janeiro, que, sendo a capital do Império e centro dos grandes acontecimentos políticos, constituía, em tese, o cenário ideal para ações e compromentos que lhe empolgavam o espírito.

Santa catarina, entretanto, era a sua terra. Na Laguna, seus parentes desfrutavam de posição de prestígio. A Província, ademais, estava carente de lideranças expressivas. No Senado, representava-nos o Padre Lourenço Rodrigues de Andrade, que já fora delegado da Província às Cortes de Lisboa, onde se deixou ficar, mesmo depois de ali chegada a notícia da Independência, porque não acreditou ser verdade... Na Câmara dos Deputados (Assembléia Geral), nossa única cadeira era ocupada, desde a Assembléia Constituinte de 1832, pelo Comendador Diogo Duarte Silva, homem respeitável, mais de pouca expressão e apagada atuação parlamentar. a imprensa e a Maçonaria, duas das mais importantes referências naqueles dias agitados e históricos de 1831, ainda haviam chegado a Santa Catarina. Aqui, portanto, o terreno era fértil e oferecia amplas oportunidades a quem quisesse sacudir, em termos de idéias novas e atuação política, a mesmice da vida provinciana.

Foi considerando tais oportunidades que Jerônimo Coelho traçou seus planos e pediu transferência para Santa catarina.

Trazia na bagagem o prelo com que instalou a primeira tipografia em terras catarinenses, adquirido com a ajuda de amigos. Tratou logo de pô-lo a funcionar, em sua própria casa, lançando então o nosso primeiro jornal, "Catharinense". Não havendo tipografia, é óbvio que não havia tipógrafos nem impressores nem quaisquer profissionais das artes gráficas. Foi ele mesmo quem executou tais tarefas, de modo que

ele era o seu jornal, porque o redigia, compunha e imprimia.

O manifesto de lançamento do jornal, cuja primeira edição circulou a 28 de julho de 1831 (razão pela qual a 28 de julho é celebrado a fundação da imprensa catarinense), era escrito em linguagem panfletária, de incrível virulência contra Pedro I, a quem chamava, entre outras coisas, de "louco" e "aventureiro". Estava no tom da época, mas um tom, é bem de se ver, alto demais... Pouco depois, aliás, numa reunião da sociedade Patriótica Catarinense, quando Jerônimo Coelho cobrou de um companheiro a linguagem desabrida, o mesmo devolveu-lhe a censura lembrando a violência de que usara no lançamento de seu jornal...

Mas não se esgotava na fundação da imprensa a capacidade de iniciativa do jornal do jovem lagunense. Fundou também a primeira Loja Maçônica de Santa Catarina, da qual nada se sabe, a não ser o seu nome, que foi "Cordialidade". Alguns historiadores dão como sendo "Concórdia", mas a primeira denominação mencionada é a verdadeira. Infelizmente, o segredo que protege os arquivos maçônicos e as informações sobre composição e funcionamento das Lojas, não permitiu a reconstituição da história das de Jerônimo Coelho. Tais arquivos, aliás, no que se refere àqueles primórdios, seguramente não existem mais. Os maçons catarinenses reverenciam Jerônimo Coelho como o fundador da Maçonaria em nosso Estado, missão que teria trazido do Rio de Janeiro, sabido como é o papel importante que a

secular instituição desempenhou nos acontecimentos políticos sobretudo das duas primeiras décadas da nossa vida como nação independente.

Em uns autos de inventário de fins do século passado, encontrei referência a "terrenos da antiga Maçonaria", que se localizariam em área adjacente à atual rua Esteves Júnior. Seria aquela "antiga Maçonaria" a Loja pioneira? Porque outras existiram, no correr do século XIX. De uma, pelo menos, encontrei notícias em jornais de 1891. Chamou-se "Lealdade naquele ano já se encontrava inativa, ou "adormecida", como se diz em linguagem maçônica.

A terceira iniciativa de Jerônimo Coelho, logo após sua chegada ao Desterro em 1831, foi a fundação da sociedade Patriótica Catarinense. Havia em outras Províncias associações do gênero, principalmente em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Oswaldo Cabral estudou o livro de atas da Sociedade e sobre o assunto produziu uma monografia, um dos primeiros entre os trabalhos que marcaram sua notável obra de historiador.

A Sociedade realizava reuniões prestigiadas, inclusive, pela participação do Presidente da Província. Nessas reuniões eram tratados assuntos variados de interesse comunitário, tais como, apenas para exemplificar, a construção de um cemitério público, a fundação de uma Biblioteca Pública, o amparo a idosos e carentes. Era um centro de conagração das principais pessoas da terra em torno de objetivos de interesse da cidade e do povo.

Em 1833, Jerônimo Coelho pretendeu colher os frutos de tão intensa e diversificada atuação da vida da Província, candidatando-se à Assembléia Geral. Mas não seria desta vez que conseguiria iniciar sua carreira política, pois foi derrotado pelo Deputado Diogo Duarte Silva, que desde 1826 ocupava na Câmara dos Deputados a única cadeira destinada a Santa Catarina.

Em 1835, criadas e instaladas as Assembléias Legislativas Provinciais, para ela conseguiu eleger-se Jerônimo Coelho, e em 1838, aí sim, lograria chegar à Assembléia Geral, onde permaneceria, sucessivamente reeleito, até 1847, quando perdeu a eleição para o Dr. Joaquim Augusto do Livramento. Voltaria a eleger-se em 1857, para um mandato de três anos, o qual não chegou a concluir, pois faleceu em 16 de janeiro de 1860.